

A AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

João Alves da Silva Júnior¹
Mádson Francisco da Silva²

RESUMO

A formação inicial de professores é um ato humanizador e ao mesmo tempo muito desafiante, mas quando se trabalha a afetividade nesse processo de formação, ela se torna mais prazerosa e ele necessitará dela para uma prática pedagógica mais efetiva, pois irá se deparar com outras vidas que esperam sempre o seu melhor. Essa formação se dá através de um encontro entre a prática e a teoria que é vivenciada no âmbito escolar que por sua vez, é o principal campo de atuação dos/as professores/as formados/as e em formação. O presente artigo apresenta um estudo realizado com professores e professoras que estão em formação cursando licenciaturas em português, história e geografia, mas que já atuam no ensino básico, objetivando compreender e analisar a importância da afetividade na formação de professores, compreendendo a importância da afetividade nesse processo de formação. Metodologicamente elegeu-se a pesquisa qualitativa e os dados obtidos se deram por meio dos questionamentos aplicados na empíria e na revisão da literatura. Como resultados e discussões aponta-se a importância da afetividade na formação inicial dos docentes e o quanto ela pode auxiliar a sua prática pedagógica, proporcionando um ensino de qualidade, com autonomia, transformando e libertando os sujeitos das amarras ideológicas as quais são impostas todos os dias.

Palavras-chave: Formação de professores, Afetividade, Prática pedagógica, Educação transformadora.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma reflexão sobre a importância da afetividade na formação inicial de professores. Tendo por objetivos analisar a importância e a contribuição da afetividade no processo de formação inicial de professores e compreender como a afetividade poderá refletir em sua prática pedagógica. A formação docente requer preparo, compromisso e dedicação, é um trabalho que exige identificação com a profissão, pois não há prosperidade naquilo que fazemos sem gostar, parte de uma dimensão cultural onde só ensinamos aquilo que fazemos. A forma de ensinar dos dias atuais é bem diferente daquela de 20 anos atrás, por exemplo, pois a educação não pode nos privar da dúvida, da criticidade, da liberdade e das inquietações, tudo isso é necessário para que haja um ensino transformador pautado na

¹ Graduando do Curso de letras das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA, joaojuniorctvg@gmail.com;

² Professor Mestre do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSSELVI, mamadson123@hotmail.com;

experiência e na vivência com o outro. O educador precisa estar preparado para as mudanças deste novo tempo, não podendo insistir numa educação bancária, onde o aluno é apenas um depósito de informações o que o priva do verdadeiro conhecimento.

Desta forma, compreende-se que não se pode insistir numa educação que não esteja aberta para inovações, para o novo, para a descoberta e isso é sem dúvidas um dos maiores obstáculos para o aprendizado afetivo, pois o docente se fecha para essa nova realidade de ensino, onde alguns educadores insistem num método inadequado e ao mesmo tempo fortalece um ensino que não desperta a vontade do aluno em querer estudar e aprender. No entanto, educar é uma tarefa contínua e requer conhecimento, prática, pesquisa e afetividade. Para formar pessoas é preciso estar sempre em busca de conhecimento, é uma atividade contínua e precisa-se fazer bem porque educar é um ato de amor, humanização e emancipação das pessoas para que a transformação do mundo aconteça (FREIRE, 2016, 2014, 2011). Nessa perspectiva é necessário que os professores saibam a importância de ser ter uma boa formação inicial, pois ela possibilitará uma prática pedagógica mais eficaz e coletiva, desenvolvendo assim um ensino que vise uma aprendizagem que será levada para toda a vida. É preciso proporcionar uma educação que desperte no aluno a vontade de pensar, refletir, e analisar, fazendo ele ir além, fazendo-o construir o seu futuro pautado naquilo que ele já aprendeu e naquilo que ele ainda vai aprender e descobrir, tendo a consciência que ele não aprende só na escola, mas também fora dela e o que o espaço escolar é uma oportunidade dele se humanizar no mundo.

METODOLOGIA

A metodologia é o caminho que se percorre para a obtenção dos resultados e a concretização dos objetivos de uma pesquisa. Por isso, para o desenvolvimento deste estudo, realizou-se um levantamento bibliográfico, definido por Gil (2007, p.65) como “a pesquisa desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Buscando maior compreensão acerca das abordagens teóricas em torno do objeto investigado.

Metodologicamente, a pesquisa tem enfoque qualitativo por permitir a interação entre variáveis na complexidade dos sujeitos, onde é possível analisar e identificar dados que não podem ser mensurados numericamente. Apesar deste artigo ter um viés bibliográfico, ele também tem uma dimensão de campo, uma vez que há sujeitos que estão atuando em um

lócus (escola) e que portanto , fazem parte do objeto de estudo, neste caso, a formação de professores. De acordo com Oliveira (2007)

A opção por uma abordagem qualitativa deve ter como principal fundamento a crença de que existe uma relação entre o mundo real, o objetivo concreto e o sujeito; portanto, uma conexão entre a realidade cósmica e o homem, entre a objetividade, ou mais precisamente, na abordagem qualitativa, o pesquisador deve ser alguém que tenta interpretar a realidade dentro de uma visão complexa, holística e sistêmica. (OLIVEIRA, 2007, p.60).

Ou seja, o método qualitativo, permitirá um acesso mais elevado e efetivo às informações que foram prestadas, possibilitando olhares diferenciados para as investigações que se sucederão ao decorrer deste artigo. Dentro da opção pela pesquisa qualitativa, foi-se realizado um estudo bibliográfico em torno da afetividade na formação docente e da educação, para que nos servisse de incentivo e reflexão em torno do objeto.

Quanto aos instrumentos para a coleta de dados, esta pesquisa foi feita através de um questionário, que é um instrumento constituído por uma série ordenada de perguntas que foram respondidas por escrito pelos entrevistados. O questionário, segundo Gil (1999,p.128) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevados de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

A linguagem utilizada no questionário foi simples e direta, para que os sujeitos que responderam compreendessem com clareza o que estava sendo perguntado. Assim, foram selecionados 10 professores e professoras que estão em formação nas seguintes licenciaturas: letras, pedagogia e história, educadores estes que já atuam na rede de educação básica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse item nós iremos justificar o conceito de afetividade, como ela se enquadra na prática pedagógica para uma educação transformadora, através de um estudo que foi feito por meio de uma pesquisa bibliográfica, trazendo as principais discussões teóricas e a trajetória da mesma ao longo do recorte estudado.

A propósito da afetividade na formação e na prática pedagógica

A afetividade não é uma temática contemporânea, mas histórica, é a capacidade que o ser humano tem de expressar seus sentimentos e emoções diante de estímulos internos ou externos que influenciam diretamente em seu convívio com o outro e que o torna capaz de sentir ou demonstrar o que sente ou que pensa.

Na formação de professores é de suma importância que haja entre os docentes e discentes essa afetividade numa relação de amizade e parceria, que vise transformar o cenário escolar em um ambiente acolhedor e favorável, onde o aluno possa ver o professor como um aliado e não como um adversário.

Ainda no ensino superior o docente se torna fundamental para a formação dos discentes, que futuramente assumirão o posto de educador e trabalhar a afetividade no âmbito acadêmico é um dos elementos que influenciam esse processo que refletirá na prática pedagógica. A afetividade, de acordo com Antunes (2006) é:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor. (ANTUNES, 2006 p.5).

E esse conjunto posto em uma pedagogia afetiva, cujo foco seja o aluno como ser que pensa e sente concomitantemente, não sugere uma educação permissiva e sim uma educação em que a relação entre os envolvidos seja de respeito, confiança e cumplicidade.

O ato de educar requer paciência, amor, afetividade. Não pode se esconder da realidade, não pode insistir em um ensino que vise regredir, mas prosseguir, buscando sempre uma nova forma de ensinar, dando ao outro o empoderamento que vem do conhecimento, sem fugir de uma discussão criadora (FREIRE, 2014).

O que acontece de positivo ou negativo durante o processo da formação do docente refletirá também em sua prática em sala de aula, onde ele trará para a vivência escolar aquilo que o norteou em sua caminhada, por isso a afetividade tem um propósito que vai além do afeto, que ultrapassa as barreiras da ignorância humana e desperta a vontade de mudar e transformar.

A afetividade na educação transformadora

Para que a educação não se prenda as manipulações de uma política que visa não à liberdade, mas a obediência sem se conhecer a razão, é necessário despertar no outro a vontade de se transformar, reconhecendo suas limitações, mas indo ao encontro de um conhecimento que o eduque para o futuro, para uma vida melhor, mais digna, com mais oportunidade, sem olhares diferenciados por status sociais.

A educação transformadora proporciona um ambiente adequado para que o aluno possa ter acesso a uma forma de ensino diferenciada. Fugindo da metodologia somente expositiva, onde o estudante é levado a pensar, a questionar e a trabalhar em favor do coletivo em torno de interesses comuns daquilo que é o bem da grande maioria porque foi aprendendo socialmente que homens e mulheres, descobriram que é possível ensinar. Nessa perspectiva, Freire faz a seguinte referência:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com a facilidade a importância das experiências informais, nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente, se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 2002, p.49).

Nessa horizonte, a afetividade tem um papel fundamental para que essa educação seja de fato transformadora, trabalhá-la nas formações de professores pode garantir um ensino mais acolhedor, sem exclusão, com um ensino que vai além da sala de aula, onde a mediação pedagógica é de natureza afetiva e dependendo da forma como é desenvolvida, produz impactos afetivos negativos ou positivos, na relação que se estabelece entre alunos e os diversos conteúdos abordados.

Na formação inicial é necessário preparar os futuros docentes para a realidade, realidade essa que ele perceberá quando tiver os primeiros contatos com seus discentes e que terá de demonstrar segurança, imparcialidade e amor.

Nesse sentido, a amorosidade em Freire, como propõe Andreola (2000) deve ser pensada:

[...] sem esquecer as perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, da ética e da política, para a existência pessoal e coletiva, enfatiza também o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, da curiosidade, da criatividade, da intuição, da esteticidade, da boniteza da vida, do mundo, do conhecimento. No que tange às emoções, reafirma a amorosidade e a afetividade, como fatores básicos da vida humana e da educação. (ANDREOLA, 2000, p. 22).

Nessa perspectiva, a educação permeia todos os sentidos e significados possíveis, ela atravessa os mais variados estereótipos que são criados durante a formação e se liga a um ensino que possibilita novos caminhos, com outros horizontes, tornando a aprendizagem um processo contínuo e transformador.

Assim, reafirma-se a importância da afetividade, não só na relação professor-aluno, mas também como estratégia pedagógica e esse é o papel do professor libertador, que mostrará aos discentes novas possibilidades, não só no que diz respeito a aprendizagem, mas a vivência.

Os alunos esperam ser cativados pelos professores, esperam ser bem acolhidos, seja por suas palavras ou atitudes e daí um fator fundamental primordial para se trabalhar as emoções dos sujeitos, estimulando a aprendizagem, pois o ato de aprender quando associado a uma situação prazerosa torna-se mais eficaz e desperta nos estudantes a vontade de aprender.

A prática docente deve estar pautada no intuito de libertar os discentes das amarras que são impostas pelo sistema político educacional, interagindo com os discentes de forma que eles se sintam à vontade em sala de aula e não como se fossem obrigados. Freire descreve o professor libertador da seguinte forma:

O educador libertador nunca pode manipular os alunos e tampouco abandoná-los à própria sorte. O professor libertador nem manipula, nem lava as mãos da responsabilidade que tem com os alunos. Assume o papel diretivo necessário para educar. (...) Isso não é dominação. Dominação é se eu dissesse que se deve acreditar nisso porque estou dizendo. Manipulação é dominar os alunos. A manipulação, por exemplo, também cria mitos sobre a realidade. Ela nega a realidade, falsifica a realidade. Manipulação é eu tentar convencer você de que uma mesa é uma cadeira, é o currículo obscurecer a realidade. A aula libertadora, pelo contrário, ilumina a realidade. (...) A educação sempre tem uma natureza diretiva, que não podemos negar. O professor tem um plano, um programa, um objetivo para o estudo. Mas existe o educador diretivo libertador, por um lado, e o educador diretivo domesticador, por outro. (...) Na perspectiva libertadora, não temos nada para dar, realmente. Damos alguma coisa aos alunos apenas quando intercambiamos alguma coisa com eles. Esta é a relação dialética, em vez de uma relação manipuladora. (FREIRE, 1996, p.96)

Ou seja, o professor não é dono do saber, mas um mediador, ele deve respeitar o conhecimento que o aluno já tem e em nenhum momento o educador pode querer manipular o discente porque estudou mais, porque tem mais experiência, pelo contrário, o docente é também um ser inacabado que aprende com seus alunos ao mesmo momento que ensina, pois a sala de aula é um local de formação de vidas, de interação, comunicação, liberdade e muito diálogo.

Sendo assim, é necessário que o docente não se prenda a um ensino bancário que só visa depositar conteúdos em seus alunos, restringindo-os da liberdade de pensar e se expressar, como se fossem apenas ouvintes e repetidores de tudo que é repassado em sala de aula através de conteúdos, é preciso despertar neles a vontade de participar, opinar, repensar e criticar, os discentes precisam se sentir seguros, amados e bem acolhidos, é aí que entra a afetividade como uma ferramenta pedagógica para uma educação transformadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação docente e a afetividade

Na sala de aula espera-se que o professor assuma tamanha responsabilidade de educar e formar vidas, executando-a com êxito, no entanto, essa prática docente dependerá de como foi sua formação inicial, pois ele será o reflexo daquilo que aprendeu e vivenciou e a afetividade tem um papel fundamental durante esse processo. A esse respeito, o Entrevistado 1 (2019) afirma que a formação inicial de professores: “é muito importante, pois sempre temos a tendência de nos espelhar no outro, à exemplo dos alunos e professores”. Inferindo sobre essa afirmação, compreendemos a importância da afetividade, que se torna uma aliada nesse processo de formação, onde o professor pode despertar no aluno a vontade de aprender ou o desinteresse pela profissão que ele escolheu.

O que acontece é que nos dias de hoje não se deve investir mais em uma educação que não leve o outro a autonomia, a liberdade, a enxergar o mundo de um modo esperançoso, sem perspectivas de um futuro melhor, pois o ensino que não provoca liberdade, interesse, afeto, não é uma educação que nos faz refletir, mas decorar, ou seja, bancária (FREIRE,2014).

A formação docente carece de mais atenção, preparo e motivação, não se pode formar um professor que não se sente responsável pelo outro, que não assume o papel de ser instrumento de transformação. É necessário criar situações de afetividade entre o ser formador e o que está sendo formado.

Quando questionado sobre a importância da afetividade na sua formação docente, o Entrevistado 2 (2019) respondeu “A relação afetiva entre o discente e o docente no processo de ensino e aprendizagem, é necessário para manter-se ligado a busca do conhecimento, o papel do professor é facilitar a aprendizagem promovendo novos conhecimentos, a partir do cognitivo e das emoções, contribuindo para o aprendizado”.

Percebe-se assim, que a afetividade tem um papel fundamental no ensino e aprendizagem do aluno e que para se alcançar um aprendizado eficaz e sem barreiras, é

preciso vivê-la primeiro dentro da sua formação docente, reconhecendo que não é o detentor do saber e só assim colocá-la em prática, visando uma educação que atravessa fronteiras.

Conforme Morin (2002), o professor deve possuir cautela, ao buscar tornar-se construtor do saber. Visto que, a educação deve mostrar que não há conhecimento que não seja em algum grau ameaçado pelo erro da ilusão.

De fato, o sentimento, a raiva, o amor, a amizade podem nos cegar. Mas é preciso dizer que, já no mundo mamífero e, sobretudo, no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. (MORIN, 2002, p.20).

Nesse contexto, afetividade pode desfavorecer o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Nessa perspectiva, quando o Entrevistado 3 (2019) foi questionado com a seguinte pergunta: Qual a importância da afetividade na sua formação docente? Respondeu “A afetividade proporciona a percepção do eu e do outro, embora na minha formação muitos docentes transmitem que precisamos ser afetivos em sala de aula, mas mantendo o profissional distante do pessoal”. Nessa perspectiva percebe-se o quanto é importante trabalhar a afetividade no processo de formação inicial de professores, pois ela facilita o aprendizado e o torna mais harmonioso, onde o sujeito que está sendo formado sente-se mais à vontade para desenvolver-se. Vale ressaltar também a importância da autoridade que o docente tem em sala de aula e que não pode jamais perdê-la, pois ela lhe garante respeito e uma posição onde ele é o responsável pelo sucesso ou fracasso de seu aluno. O Entrevistado 4 (2019) disse que:

A afetividade tem sua significação durante o processo de formação docente, desde os momentos iniciais diante da percepção da condição humana, e nas diferentes atitudes e possibilidades que podemos trabalhar valorizando esse contexto no cotidiano escolar. A mesma se apresenta em meu cotidiano em vários momentos durante o processo de ensino e aprendizagem, quando perpassa desde o planejamento diário e obtém concretude em ações na sala de aula nos momentos didáticos. Nesse sentido é vislumbrado que o educando e todos que compõem a escola são humanos, e dotados de sentimentos que são expressados a todo instante durante a convivência diária, e assim é estruturado ações que são interligadas pela reflexão e ação na perspectiva de mudanças, uma vez que trata-se de processo contínuo e estamos sempre aprendendo a cada instante.

Ou seja, a afetividade faz parte também da formação do ser humano e do seu desenvolvimento, com ela tudo se torna mais prazeroso, mais atrativo e se faz presente em cada detalhe da sua vivência, onde é perceptível a troca de conhecimentos e o reconhecimento

de que somos sujeitos em construção e que estamos sempre aprendendo, até mesmo quando ensinamos.

Assim, reafirma-se a importância da afetividade, não só na relação professor-aluno, mas também como estratégia pedagógica, pois um professor que é afetivo com seus alunos estabelece uma relação de segurança, confiança, evita bloqueios afetivos e cognitivos, favorecendo para um aprendizado humanizado, onde o professor ajuda o aluno a superar seus erros e aprender com eles.

A afetividade para uma educação transformadora

Para se obter uma educação transformadora faz-se necessário um ensino que permita criar o novo, que vise inovação, que vise reinventar-se e o professor é o mediador que assume tamanha importância nesse processo transformador, pois ele apontará caminhos que permitirão ao aluno aprimorar o seu conhecimento e lhe darão o poder de autonomia iniciando um processo de liberdade e ao mesmo tempo de mudanças de mentalidades.

A afetividade é um dos caminhos para uma educação transformadora, onde o aprender está conectado ao conhecimento e por isso é preciso relacionar-se com o outro, para colocá-lo no lugar de ensinante e estabelecer uma relação permeada pelo prazer de aprender, preenchendo vazios com ensinamentos que vão além da sala de aula.

Segundo Moraes,

Uma aprendizagem que se desenvolve a partir das interações com os objetos, com o outro, com o emocional resultante da convivência do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com a natureza, resultante das múltiplas, conversações tecidas por um linguajar imbricado com o emocional, mediante processos relacionais e recursivos que se fazem presente. (MORAES; 2008, p.42).

Desse modo, ouvir as inquietações dos alunos que estão sintonizados com a realidade, é a melhor maneira do professor contribuir para sua própria formação. Neste viés, faz-se necessário analisar o que disseram alguns dos entrevistados, quando foram questionados com a seguinte pergunta: De que forma a afetividade contribui na sua prática pedagógica? O Entrevistado 1 (2019) respondeu: “ a afetividade contribui em minha prática pedagógica quando percebo as diferentes possibilidades de valorizar o aproveitamento do educando enquanto atuante na vivência didática. Nesse sentido, é visualizado as dificuldades, fragilidades e potencialidades que o educando expressa durante os momentos de interação e

mediar o processo de forma humanizada, avaliando de forma abrangente o desenvolvimento do mesmo.”

Percebe-se que a responsabilidade do professor em sala de aula, é muito forte, pois é através de uma ação que ele poderá motivar ou desmotivar seu aluno, de acordo com as emoções que o docente despertar nele. Nessa perspectiva, o Entrevistado 2 (2019) corrobora com este pensamento ao dizer que: “ A afetividade contribui categoricamente, pois consigo através dela perceber as emoções dos meus discentes”. Nesse contexto, é possível afirmar que a afetividade contribui diretamente para uma educação transformadora, pois ela possibilita um ensino e aprendizado mais prazeroso, onde o educador faz essa mediação, facilitando a aproximação com a realidade e ao mesmo tempo empodera o aluno, dando a ele a autonomia de aprender e não decorar, mas de uma forma mais espontânea e prazerosa. Corroborando com este pensamento, o Entrevistado3 (2019) afirma que:

A afetividade contribui de forma substancial. Para Mim, ela é a base de qualquer metodologia, pois permeia um modelo significativo no ensino em detrimento do tecnicista, como existia há algumas décadas. Em Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire cita constantemente a palavra liberdade, e é isto que busco no que se refere ao conhecimento. Sempre é importante nos soltarmos das amarras ideológicas à nossa volta, e , para isso, é necessário ter afeto e compreensão com tanta diversidade.

. Dessa forma, fica claro que a afetividade está ligada diretamente com o processo de ensino e aprendizagem, que uma educação sem amor, sem respeito, sem liberdade, sem autonomia, torna o sujeito escravo das ideologias e pensamentos que são postos a ele. A escola, o professor e todos os profissionais envolvidos com a educação têm a responsabilidade de ser esperança na vida daquele que está sendo formado. É preciso liberdade pra pensar, refletir e agir, pois a verdadeira transformação só ocorre quando há dedicação, entrega e esperança, não se pode negar a realidade nem mostrar apenas o que está bom, mas sim, apontar possibilidades para um futuro melhor, onde todos tenham o mesmo direito, sem distinção de raça, cor, sexo ou classe social, é primordial mostrar a cada sujeito a sua importância e seu papel para uma transformação libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do artigo apresentado, podemos fazer uma reflexão acerca da importância da afetividade na formação inicial de professores, compreendendo que é necessário uma prática afetiva durante esse processo de formação para que esses futuros docentes possam vivenciar uma educação transformadora e assim serem propagadores dessa educação em sua prática pedagógica. Nesse sentido, como foi inferido no corpo textual, percebemos que a maioria dos sujeitos pesquisados compreendem a importância da afetividade e quanto ela é importante ou será para aqueles que vão atuar ou já estão atuando em sala de aula, reforçando assim a necessidade de aceitar o novo, de pesquisar, de ir em busca de um ensino que aponte caminhos e possibilidades para seus alunos, visando uma educação inovadora, libertadora e transformadora. Por fim, considera-se que deve haver também maior engajamento das políticas educacionais nesse processo de formação desses educadores, para que se possa construir uma educação pautada na humanização, na coletividade, no inacabamento do sujeito, no diálogo e na participação e incentivo da família. No entanto, precisa-se de mais práticas de afetividade durante o processo de formação inicial de professores, pois ela facilita o aprendizado e o deixa com mais autonomia e também participativo, despertando no sujeito a vontade de querer estudar e aprender, sabendo que ele também ensina ao mesmo tempo que aprende e que tudo isso será colocada em prática não só em sala de aula mas fora dela também, como aprender a viver em sociedade, sabendo que tem um papel fundamental na missão de formar vidas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.
- ANDREOLA. Carta-Prefácio. In.: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2000
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed.rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra,2014.

_____. **Pedagogia da conscientização**. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016

GIL, A.C . **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Lisboa; Instituto Piaget, Brasília, DF:UNESCO,2002.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos Saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**. São Paulo: Antakanara/WHH,2008.